

# A METODOLOGIA EM HISTÓRIA DA TRADUÇÃO: ESTADO DA QUESTÃO<sup>1</sup>



José Antonio Sabio PINILLA<sup>2</sup>  
Universidad de Granada, Espanha

Revisão da Tradução:

Martha Lucía PULIDO Correa<sup>3</sup>; Rosario Lázaro IGOA<sup>4</sup>; Paulo Henrique PAPPEN<sup>5</sup>; José Antonio Sabio PINILLA

Traduzido por<sup>6</sup>:

Paulo Henrique PAPPEN; Algeri Hendrick RODRIGUES<sup>7</sup>; Jaqueline Sinderson BIGATON<sup>8</sup>; Clarissa Prado MARINI<sup>9</sup>; Diogo BERNES<sup>10</sup>; Dóris LUTZ<sup>11</sup>; Eliane Kraemer PINHEIRO<sup>12</sup>; Francisca Ysabelle Manríquez Reyes Silveira<sup>13</sup>; Ingrid BIGNARDI<sup>14</sup>; Juliana Venera INACIO<sup>15</sup>; Jussara RODE<sup>16</sup>; Leide Daiane de Almeida OLIVEIRA<sup>17</sup>; Margot Cristina MÜLLER<sup>18</sup>; Marina Giosa AZEVEDO<sup>19</sup>; Martha Lucía PULIDO Correa; Mirella Nunes GIRACCA<sup>20</sup>; Myrian Vasques OYARZABAL<sup>21</sup>; Priscila Martimiano da ROCHA<sup>22</sup>; André Luiz Ramalho AGUIAR<sup>23</sup>; Renan Abdalla LEIMONTAS<sup>24</sup>; Gabriela HESSMANN<sup>25</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina

223

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é apresentar ao leitor um estado da questão dos problemas metodológicos próprios da pesquisa em História da Tradução. Para começar, delinerei os antecedentes do interesse moderno na História da Tradução. A seguir, situarei a História da Tradução dentro dos Estudos da Tradução, como etapa prévia para assinalar a pertinência do seu ensino e estudo, destacando especialmente a importância desta disciplina para a área. Por último, farei um comentário sobre algumas obras de caráter metodológico, com o fim de assinalar alguns problemas recorrentes na pesquisa em História da Tradução. Como conclusão, apresento uma proposta que contém uma série de passos incontornáveis em toda pesquisa histórica e que pode também ser válida para a história da interpretação, já que, a despeito das diferenças, os dois tipos de história participam das bases comuns da mediação interlinguística.

**Palavras-chave:** História da Tradução. Estudos da Tradução. Metodologia. Ensino de tradução.

## 1. Introdução

A História da Tradução é uma disciplina cada vez mais privilegiada nos Estudos da Tradução.<sup>26</sup> Apesar da indefinição que alguns teóricos lhe atribuem, o ramo histórico tem servido para conferir aos Estudos da Tradução uma base sem a qual o estudo e o ensino da tradução ficariam incompletos. Além disso, a bibliografia sobre História da Tradução tem aumentado de maneira considerável nos últimos vinte anos, embora os trabalhos dedicados à metodologia da pesquisa histórica sejam ainda escassos.

O objetivo do presente trabalho é apresentar ao leitor um estado da questão dos problemas metodológicos próprios da pesquisa em História da Tradução. Para começar,

delinearei os antecedentes do interesse moderno na História da Tradução. A seguir, situarei a História da Tradução dentro dos Estudos da Tradução, como etapa prévia para assinalar a pertinência do seu ensino e estudo, destacando especialmente a importância desta disciplina para a área. Por último, farei um comentário sobre algumas obras de caráter metodológico, com o fim de assinalar alguns problemas recorrentes na pesquisa em História da Tradução. Como conclusão, apresento uma proposta que contém uma série de passos incontornáveis em toda pesquisa histórica e que pode também ser válida para a história da interpretação, já que, a despeito das diferenças, os dois tipos de história participam das bases comuns da mediação interlinguística.

## 2. A pesquisa em História da Tradução: antecedentes

O interesse moderno pela pesquisa em História da Tradução pode ser datado de 1963, no IV Congresso da Federação Internacional de Tradutores (FIT), realizado em Dubrovnik (Croácia). Isso não significa que esse interesse não tenha existido em séculos anteriores (WOODSWORTH, 1998:100), ou que não tenham existido estudos de caráter histórico no século XX antes dessa data (AMOS, 1920; MATTHIESSEN, 1931; MOUNIN, 1955; SAVORY, 1957; JACOBSEN, 1958; STÖRIG, 1963). O importante é que nesse Congresso se discutiu pela primeira vez a necessidade de se escrever uma história universal da tradução. O responsável por chamar a atenção para tal necessidade foi o professor e tradutor húngaro György Radó. Ele convocou os historiadores da tradução, solicitando a produção de uma série de artigos para serem publicados na revista *Babel*:

Sim, a composição da história da tradução está na ordem do dia. Mas que tipo de história? Deve ser uma obra monumental que contenha todas as datas e dados do glorioso caminho que a arte da tradução tem percorrido em todos os países, todas as línguas, sejam elas modernas ou antigas? Uma obra como essa seria muito necessária, mas a FIT é uma organização ainda muito jovem para dispor de elementos indispensáveis para a redação de uma obra tão importante. Deveríamos renunciar a essa ideia que se revela um dever positivo e real? Certamente não. Neste momento devemos organizar o trabalho para uma futura obra tendo em vista as possibilidades atuais. (RADÓ, 1964).<sup>27</sup>

Três anos depois, em 1966, o próprio Radó repetiria a convocatória no V Congresso da FIT, realizado em Lahti (Finlândia), onde se propôs a criação de um comitê para a História da Tradução. Segundo este autor, a pesquisa deveria abarcar todas as manifestações possíveis da atividade tradutória em um grande número de países e línguas. A abrangência de uma obra de

tal porte, que pretendia cobrir centenas de línguas a partir de uma dimensão cultural diacrônica, não poderia ser realizada sem a colaboração de várias equipes de pesquisadores, lideradas cada uma por um coordenador. A esta primeira dificuldade foi adicionada uma segunda: a organização do material. Para isso, Radó fixou um programa geral baseado em seis pontos:

- I. Introdução. O que tem significado a tradução na história do mundo.
- II. Os primeiros vestígios de tradução na pré-história.
- III. Os contatos de nações antigas. [...]
- IV. Contatos das nações na Idade Média. [...]
- V. Tradução e línguas modernas. [...]
- VI. Tarefa supranacional da tradução. (RADÓ, 1967:171).<sup>28</sup>

Devido a essa enorme dimensão, logo se abandonou essa concepção de partida, ainda que tenham sido redigidos vários trabalhos dedicados exclusivamente a esse tema.

Contudo, a história continuou sendo objeto de estudo de pesquisadores de diferentes países na segunda metade dos anos sessenta (MOUNIN, 1965) e ao longo dos anos setenta (GARCÍA CALVO, 1973; STEINER G., 1975; STEINER T., 1975; LEFEVERE, 1977; KELLY, 1979) e oitenta (HORGUELIN 1981; GARCÍA YEBRA, 1983; BERMAN, 1984; VAN HOOFF, 1986; SANTOYO, 1987; RENER, 1989), ainda que o despertar dos estudos dedicados à História da Tradução tenha acontecido a partir dos anos noventa do século passado.

De fato, as considerações de Radó tiveram sua continuidade no XII Congresso Mundial da FIT, realizado em Belgrado (Sérvia [Antiga Yugoslávia]) em 1990, onde se reduziram os perfis propostos no início em razão das dificuldades inerentes a um projeto com essas características. Nesse Congresso acordou-se em realizar uma análise temática e seletiva evitando, na medida do possível, uma visão extremamente eurocêntrica. Essa ideia pretendia destacar a importância da tarefa dos tradutores ao longo do tempo, ressaltando a autonomia da disciplina. A coordenação dessa história universal da tradução ficou a cargo de Jean Delisle e Judith Woodsworth. O primeiro resultado foi a criação, em 1991, do “Repertório Mundial de Historiadores da Tradução”, coordenado por Jean Delisle.<sup>29</sup> O segundo resultado foi a edição da obra, realizada pelo comitê para a História da Tradução da FIT e dirigida por Jean Delisle e Judith Woodsworth, em francês e em inglês: *Les traducteurs dans l'histoire/Translations through History* (1995)<sup>30</sup>. Trata-se de uma breve história ilustrada em que participaram cinquenta historiadores de vinte países e que pretende ser uma introdução seletiva à história

---

PINILLA, PULIDO, *et al.* A metodologia em História da Tradução: Estado da questão. *Belas Infâéis*, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017.

da tradução, ainda que o seu primeiro objetivo tenha sido prestar homenagem aos tradutores, restituindo-os ao lugar que merecem, na história da tradução.<sup>31</sup>

A elaboração de uma história universal, tal como propôs Radó, parece atualmente ilusória e inconcebível. Valentín García Yebra, um dos pioneiros do estudo da história da tradução na Espanha, comentava em 1988, nas I Jornadas Nacionales de Historia de la Traducción de León (Espanha), o seguinte:

Não se escreveu até o momento uma história da tradução que abarque as principais manifestações desta atividade cultural desde seu começo até os nossos dias em todas as literaturas. Tal empreitada extrapola as forças de qualquer indivíduo, inclusive as de uma equipe ampla e bem concentrada. (GARCÍA YEBRA, 1988).<sup>32</sup>

García Yebra recolhe essas mesmas palavras em 2004, o que lhe possibilita traçar uns “breves apontamentos de história da tradução”, que permitem adivinhar o contorno dessa história sem detalhar a figura (GARCÍA YEBRA, 2004: 21).

As novas tendências na pesquisa histórica se aplicam melhor ao estudo de aspectos parciais, bem estruturados, de um tema concreto, que favorecem uma análise mais dinâmica que estática. Isso foi posto em evidência por José Lambert, quando defende, como reação ante um tipo de historiografia de caráter positivista, uma cartografia que dê conta da situação mundial da tradução a partir de realizações mais concretas.

É válido e necessário explorar os ângulos particulares da história cultural, e revelar os resultados em forma de livro, como parte da didática do ensino. No entanto, é impossível ver como poderíamos realizar o sonho dos historiadores literários: resumir o desenvolvimento das literaturas em um ou alguns volumes. Tal sonho nos ensina mais sobre os historiadores do que sobre a literatura. A historiografia, como um livro ou como uma narrativa, pertence às tradições do positivismo. Apenas um mapeamento sistemático ou um estado da arte parece ser possível. [...] Até agora parece não haver possibilidade de qualquer história mundial da tradução, mas é hora de os historiadores elaborarem mapas históricos honestos onde seja resumido o que foi feito e o que ainda precisa ser realizado. (LAMBERT, 1993:20-21).<sup>33</sup>

### 3. Os Estudos da Tradução e a História da Tradução

Os Estudos da Tradução tiveram um desenvolvimento espetacular ao longo dos últimos 40 anos. O primeiro teórico que descreveu essa disciplina foi o tradutor e professor holandês James S. Holmes na sua celebre comunicação “The Name and the Nature of Translations Studies” [O Nome e a Natureza dos Estudos da Tradução], apresentada no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada em Copenhague (Dinamarca), de 21 a 26 de

agosto de 1972 (publicada, entre outras edições, em HOLMES, James. *Translated! Papers in Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988).

A este tradutor de poesia devemos uma primeira descrição dos Estudos da Tradução em dois ramos: puro e aplicado. Os estudos puros subdividem-se em teóricos e descritivos; por sua vez, os estudos teóricos em gerais e parciais. Ao tratar dos estudos descritivos, orientados ao produto (a descrição e comparação de traduções em um plano sincrônico e diacrônico) e à função (a descrição da função da tradução no contexto sociocultural), Holmes fala da variante diacrônica. Isso nos levaria, no produto, a uma *general history of translation – however ambitious such a goal may sound at this time* [história geral da tradução – embora tal objetivo pareça ambicioso no momento]. Na função, nos levaria a ver a sua influência *in histories of translations and in literary histories* [em histórias de traduções e histórias literárias] (HOLMES, 1988: 72).

Ao final de seu artigo, o autor chama atenção para a relação dialética que as três subdivisões mantêm, às quais é preciso incorporar duas dimensões de análises: a histórica e a metodológica (ou metateórica):

O segundo ponto é que, em cada uma das três subdivisões dos estudos da tradução, existem duas outras dimensões que não mencionei, dimensões que têm a ver com o estudo, não do traduzir e das traduções, mas dos próprios estudos da tradução. Uma dessas dimensões é histórica: existe um campo da história da teoria da tradução, no qual alguns trabalhos valiosos foram feitos, mas também um da história descritiva da tradução e dos estudos aplicados da tradução (amplamente, uma história do ensino de tradução e treinamento de tradutor), ambos territórios bastante inexplorados. Do mesmo modo, existe uma dimensão que poderia ser chamada de metodológica ou metateórica. Ela se ocupa com problemas relacionados com os métodos e modelos que podem melhor ser utilizados em pesquisa nas várias subdivisões da disciplina (como as teorias da tradução, por exemplo, podem ser formuladas para uma maior validade, ou quais métodos analíticos podem ser melhor utilizados para atingir os resultados descritivos mais objetivos e mais significativos), mas também voltando sua atenção para amplas questões, como aquelas que têm a ver com o que a própria disciplina abarca.

Este artigo realizou algumas incursões na primeira dessas duas dimensões, (pura), mas o seu objetivo era ser uma contribuição para a segunda (aplicada). Não se pede, acima de tudo, consenso. Os estudos da tradução têm alcançado o momento de examinar a própria disciplina. Deixemos a metadiscussão começar. (HOLMES, 1988: 79).<sup>34</sup>

Susan Bassnett voltou a apontar o interesse da história da tradução para a disciplina em 1980, no segundo capítulo, “History of Translation Theory” [História da Teoria da Tradução], de seu livro *Translation Studies [Estudos da Tradução]*, onde afirma que os

Estudos da Tradução só teriam um desenvolvimento completo até que se considerasse devidamente a perspectiva histórica:

Nenhuma introdução aos Estudos da Tradução poderia estar completa sem se considerar a disciplina numa perspectiva histórica, mas o escopo de tal empresa é vasto demais para ser coberto adequadamente num único livro, imagine então num único capítulo. (BASSNETT, 1980: 39).<sup>35</sup>

Susan Bassnett pretende levantar questionamentos mais do que respondê-los, sabendo que uma história definitiva da tradução ainda está distante, embora aponte algumas perspectivas de futuro:

Precisamos conhecer muito mais sobre a história dos Estudos da Tradução. Mais documentação, mais informação sobre as transformações dos conceitos de tradução tornou-se uma prioridade bem como o estabelecimento de um empreendimento internacional colaborativo na história da tradução do tipo proposto por James Holmes. (BASSNETT, 1980: 134).<sup>36</sup>

228

Em 1984, Antoine Berman lembrava em “La traduction au manifeste” [“A Tradução em Manifesto”], prólogo do seu livro *L’épreuve de l’étranger* [A prova do Estrangeiro] que “a constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria moderna da tradução”. E, criticando os períodos propostos por Steiner no capítulo IV (“As demandas da teoria”) de sua obra *Depois de Babel* (1975), continuava:

A toda modernidade pertence não um olhar passadista, mas um movimento de retrospectão que é um conhecimento de si mesmo. [...] Nós não podemos nos satisfazer com as periodizações incertas que George Steiner fundamentou em *Depois de Babel* a respeito da história ocidental da tradução. É impossível separar essa história da história das línguas, das culturas e das literaturas – quem dirá então, daquelas das religiões e das nações. Além do mais, não se trata de misturar tudo, mas de mostrar como, a cada época, ou dentro de cada espaço histórico dado, a prática da tradução se articula à da literatura, à das línguas, à das diversas trocas interculturais e interlinguísticas. (BERMAN, 1984:12-13).<sup>37</sup>

Para indicar, pouco depois, a importância do estudo do passado para o presente:

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente essa rede cultural infinitamente complexa e desconcertante na qual, a cada época, ou em espaços diferentes, ela se encontra presa, e fazer do saber histórico assim obtido uma abertura do nosso presente. (1984:14).<sup>38</sup>

Para Berman, as três perguntas fundamentais de toda teoria histórica da tradução são: *pourquoi traduire? comment traduire? et que traduire?* [“por que traduzir? como traduzir? e o que traduzir?”] (BERMAN, 1984:71).

Em 1994, Amparo Hurtado Albir reorganizou o esquema de Holmes e introduziu em cada um dos ramos por ele descritos (teórico, descritivo e aplicado) uma série de variáveis que podem dar-se de maneira isolada ou imbricada; a sexta delas é a dimensão histórica<sup>39</sup>:

a dimensão histórica (análise em diacronia e/ou em sincronia). Dentro das análises diacrônicas convém distinguir se se trata de uma perspectiva de análise (a tradução comparada diacrônica) ou de investigações sobre a história da tradução ou sobre a história da reflexão teórica em torno da tradução. (HURTADO ALBIR, 1994: 35).<sup>40</sup>

Quer dizer, levando em conta a imbricação entre os diversos ramos, entre a pesquisa geral e parcial, e entre as pesquisas parciais, Hurtado Albir (2001:145) prefere falar de variáveis (mais que de diferentes teorias) entre as quais inclui a variável ou dimensão histórica, que tem seus próprios métodos de investigação:

Em todos os ramos se introduzem variáveis linguísticas e culturais (as línguas e as culturas implicadas na análise) e também históricas (a história de uma variedade de tradução, a história da didática da tradução, etc.). As relações se produzem, pois, em todas as direções. [...] Ademais, o estudo do conjunto dos enfoques teóricos existentes (as diversas teorias da tradução) forma parte também da disciplina, ao ser parte da história da reflexão teórica. (2001: 147).<sup>41</sup>

229

Com efeito, a proposta de Hurtado Albir é interessante porque nos ajuda a elucidar questões que resultam complexas. Ao meu modo de ver, conviria diferenciar o uso transversal da história (a dimensão, variável ou perspectiva histórica), que percorre toda a disciplina, do estudo propriamente histórico de que se ocuparia a história da tradução, cujos fundamentos se sustentam na pesquisa metodológica das fontes. Sendo assim, na hora de situar a história da tradução nos Estudos da Tradução, afloram problemas relacionados com o objeto de estudo, a pertinência para outras disciplinas e questões de método que trataremos mais adiante (veja-se *infra* a epígrafe 5).

#### **4. Por que ensinar e estudar a história da tradução?**

Antes de tratar dos problemas metodológicos da pesquisa em história da tradução, parece oportuno apresentar alguns argumentos a favor do ensino e do estudo desta disciplina nos quais, sem dúvida, as questões de método estarão implícitas.

● Os planos de ensino dos departamentos de Tradução e Interpretação visam a um objetivo prático: o acesso dos estudantes ao mercado de trabalho. Porém, o critério para justificar o ensino da história da tradução deve transcender esse caráter utilitário, pois, como acontece com a teoria, a história nos proporciona outros tipos de aspectos na formação do futuro tradutor:

Os tradutores geralmente não gostam muito de falar de "teoria". Consideram-se como intuitivos e artesãos. Entretanto, desde o início da tradição ocidental, a atividade tradutória é acompanhada de um discurso-sobre-a-tradução. (BERMAN, 1989: 672).<sup>42</sup>

Trata-se de um discurso que faz parte da história e que é necessário conhecer, pois traz uma visão humanista a uma disciplina cujo enfoque é cada vez mais técnico.

● Dos teóricos contemporâneos, talvez Lieven D’hulst seja quem melhor apontou as vantagens de estudar a história da tradução em “Enseigner la traductologie: pour qui et à quelles fins” [Ensinar a tradutologia: para quem e para quê?]. Este autor apresenta os seguintes argumentos a favor da história:

- A história forma, para o iniciante, uma excelente via de acesso à disciplina.
- Ela proporciona ao pesquisador a flexibilidade intelectual que lhe será necessária, já que se trata de adaptar suas ideias a novas maneiras de pensar.
- A história incita uma maior tolerância, contrária às maneiras eventualmente desviantes de pensar as questões de tradução, se opondo, assim, a uma visão cega a uma ou outra teoria, e torna possível também uma distinção sensata entre o que é progresso real ou simples reformulação, podendo esta ser apresentada e acolhida como original em condições específicas.
- Ela é praticamente o único meio de reencontrar a unidade de uma disciplina, mostrando os paralelos e as relações entre tradições de pensamento e de atividades divergentes, aproximando o passado e o presente.
- A história permite regularmente aos tradutores de recorrer a modelos passados. (D’HULST, 1994: 12-13).<sup>43</sup>

Podem ser destacadas duas ideias fundamentais: por um lado, estudar a história serve para consolidar cientificamente e fornecer uma unidade necessária aos Estudos da Tradução, e, por outro lado, contribui para relativizar os ganhos das teorias do presente. Em outras palavras, o conhecimento da história nos ensina a ser humildes, pois não inventamos tanto quanto supomos. É o caso do conceito, novo para alguns, da interdisciplinaridade da Tradutologia, uma questão que suscita polêmica e que é um dos temas recorrentes:



Defender, como fazemos atualmente, a necessidade de uma tradutologia finalmente interdisciplinar, não é somente ocultar a tradição, mas é se inserir, por sua vez, na história da disciplina exprimindo um de seus grandes temas recorrentes. (D'HULST, 1995: 14).<sup>44</sup>

D'hulst formula a seguinte hipótese:

[...] quanto mais a memória teórica se estampa nos esforços de conceitualização apresentados como originais e próprios à nossa época, mais a perspectiva histórica terá interesse em sublinhar as fontes anteriores a esse saber. (D'HULST, 1995: 14).<sup>45</sup>

A história acrescenta uma terceira dimensão à disciplina, uma dimensão essencial para compreender o complexo fenômeno da tradução. Jean Delisle e Gilbert Lafond expuseram brilhantemente esta ideia em seu CD-ROM sobre história da tradução *Notions, théorie de la traduction* (2000) [Noções, teoria da tradução]:

Podemos até dizer que a história é para a tradutologia o que a perspectiva é para a arte pictural. [...] Ela permite, como diz a expressão, “colocar em perspectiva” as noções teóricas da tradutologia, apresentá-las em todas as suas dimensões situando-as em um contexto mais amplo do que aquele delimitado por uma ou outra abordagem teórica. Essa perspectiva histórica oferece, em nossa opinião, uma melhor proteção contra as explicações simplistas, as definições um pouco curtas, as conclusões demasiado apressadas em matéria de fidelidade, por exemplo. Ela nos previne, sobretudo, contra toda forma de dogmatismo. (DELISLE & LAFOND, 2000: sem página).<sup>46</sup>

231

De qualquer maneira, é necessário recordar que a perspectiva histórica está presente em todo problema de tradução e que alguns cursos como Matemática, Medicina, Música, Filosofia, Direito ou Literatura incluem uma disciplina específica de história em seus planos de ensino.

- A história serve também para reabilitar a memória dos tradutores e das tradutoras. Uma das funções da história é resgatar do esquecimento as vozes dos autênticos protagonistas, sujeitos históricos da tradução, muitas vezes anônimos. Os futuros tradutores necessitam conhecer seus predecessores: a história estabelece esse diálogo e ajuda os tradutores de hoje a situarem-se em uma tradição de 2000 anos. Porém, é válido prevenir-se contra alguns perigos nessa relação constante entre o passado e o presente, como, por exemplo, que o pesquisador foque exclusivamente nos

grandes tradutores ou avalie os conceitos históricos com os mesmos valores da ciência contemporânea.

- Por outro lado, o discurso da Tradutologia é histórico e culturalmente marcado. Por trás das teorias contemporâneas perfila-se uma problemática específica a um espaço cultural determinado. Igualmente, não devemos esquecer que existe uma *temporalidade* e uma *historicidade dos atos de tradução*, a terceira tarefa de Berman:

As traduções têm uma temporalidade própria, que está ligada à temporalidade das obras, das línguas e das culturas. Essa reflexão sobre o tempo do traduzir abre-se a um estudo de caráter “histórico”: escrever a história da tradução nas áreas nas quais ela constituiu um dos fatores fundamentais (ainda, como tal, desconhecido) da constituição das línguas e das literaturas. [...] tradução e escrita formam uma unidade originária. O paradoxo central de uma história da tradução encontra-se, talvez, no fato de a própria história começar com a tradução. (BERMAN, 2009: 349).<sup>47</sup>

232

Nesse sentido, uma história da tradução seria necessária para os diferentes ramos da tradução, mas também como ponto de partida para pesquisar sobre os problemas da História da Cultura (transcendendo o campo exclusivo da tradução literária).

- Já na área da didática, alguns pesquisadores apontaram os objetivos e conteúdos de uma disciplina geral de História da Tradução. Judith Woodsworth, em *Teaching the History of Translation* (1996) [O Ensino da História da Tradução], divide os conteúdos em 13 unidades: uma introdução na qual se explicariam o conceito de história e os objetivos da disciplina; uma segunda unidade que ofereceria um panorama das diversas tendências históricas centradas no estudo da história da tradução; as oito unidades seguintes (3-10) se centrariam nos períodos clássicos nos quais a história da tradução ocidental foi dividida (Antiguidade, Idade Média, Renascimento, tradução da Bíblia, tradução na França nos séculos XVII e XVIII). Finaliza com uma visão panorâmica da tradução no Canadá (unidades 11 e 12). A unidade 13 é dedicada a uma conclusão.

Por sua vez, Jean Delisle propôs 11 objetivos em “A história da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue”, dentre os quais podem ser destacados os seguintes:

1. Proporcionar um panorama da história da tradução, principalmente no Ocidente e no Oriente Médio.
2. Apresentar algumas das grandes figuras da profissão em diversas épocas, em particular, os codificadores que publicaram regras, princípios ou tratados de tradução.
3. Apresentar algumas concepções da tradução e seus autores.
4. Definir períodos caracterizados por uma maneira particular e dominante de traduzir.
5. Ressaltar o papel desempenhado pelos tradutores na história sociocultural de um povo. [...]
10. Aprender a conhecer as principais fontes documentais em história da tradução.
11. Aprender a efetuar pesquisas em história da tradução. (DELISLE, 2002: 16, trad. Fernando Afonso de Almeida)

Como podemos ver, os objetivos são muito gerais (próprios de uma disciplina introdutória), no entanto, privilegiam uma visão marcadamente eurocêntrica (determinadas línguas e culturas) e insistem nos grandes nomes da história e nos períodos clássicos. Não obstante, alguns objetivos poderiam se desenvolver visando a uma pesquisa histórica mais pertinente, como ressaltar o papel do tradutor numa determinada sociedade, estabelecer uma periodização com categorias da própria história da tradução ou fazer um bom uso das fontes, ou seja, questões de método fundamentais em história da tradução.

233

## 5. A questão do método na História da Tradução

Uma das características dos trabalhos históricos é sua grande variedade. Brigitte Lépinette elaborou uma classificação das obras históricas publicadas nos últimos trinta anos em seu caderno metodológico *La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos* (1997: 18-34) [A história da tradução. Metodologia. Notas bibliográficas], o qual me serve como guia a seguir.

### 5.1. Tipos de obras históricas

Esta autora divide a bibliografia em três tipos de obras históricas:

- a) Estudos históricos (gerais e parciais), em função do período histórico que contemplam:
  - Gerais (ou totais): tratam a tradução ao longo da história desde os primeiros documentos traduzidos até a atualidade: García Yebra (1983; 1994); Van Hoof (1991); Ballard (1992); algumas antologias<sup>48</sup>, como as de Horguelin (1981); Santoyo (1987); e Vega (1994).

- Parciais: correspondem a uma época, um século ou, no máximo, dois, ou seja, uma divisão em função de um duplo eixo, cronológico e espacial, pois os autores se limitam a estudar um período relativamente curto e um âmbito nacional e linguístico: Cary (1963); Thomas R. Steiner (1975); Kelly (1979); e a antologia de D’hulst (1990).
- b) Estudos que contêm “a história como argumento”: são obras em que a história aparece como pano de fundo para que seja possível estudar alguns aspectos teóricos da tradução. Em outras palavras, esses estudos defendem teses puramente tradutológicas e a parte histórica assume a função de demonstração nessas obras: é o caso do livro de Nida (1964), em seu segundo capítulo “The Tradition of Translation in the Western World” [A Tradição da Tradução no Mundo Ocidental], do capítulo II do livro de Bassnett (1980), no também segundo capítulo “History of Translation Theory” [História da Teoria da Tradução], ou do quarto capítulo da obra de George Steiner, intitulado “As Demandas da Teoria”.
- c) Estudos históricos “pontuais”; os mais abundantes, pois são os mais presentes em artigos de revistas ou em comunicações em anais de congressos, jornadas, simpósios etc. Os métodos utilizados são muito variados e são pesquisas literárias, linguístico-literárias, sócio-culturo-históricas, histórico-culturais, ou puramente linguísticas.
- A essa classificação me permito acrescentar outros dois tipos de estudo:
- d) Estudos bibliográficos, básicos em qualquer pesquisa, os quais permitem acessar uma informação a partir de obras de referência, como a enciclopédia de Mona Baker e Kirsten Malmkjær (1998), dicionários de tradutores, como os de Van Hoof (1993) ou de Ballesterro (1998), e catálogos bibliográficos, como o de Gonçalves Rodrigues (1992).
- e) Estudos metodológicos, que são os mais interessantes para este artigo.

## 5.2. A metodologia

Sabemos bem que as questões históricas são de uma grande complexidade. O historiador está implicado diretamente no debate metodológico da história da tradução, que produz um efeito tanto nos conceitos e métodos quanto nas funções da pesquisa histórica. Essa tomada de consciência acontece no início dos anos noventa do século passado e continua vigente no começo do século XXI.

### 5.2.1. A denominação do conceito “história da tradução”

A primeira questão levantada é essa denominação. Muitos pesquisadores têm salientado a ambiguidade do conceito que engloba o rótulo “história da tradução”. Gallego Roca acha que com “o termo tradução designamos tanto o produto como os textos traduzidos, como o processo, e a atividade dos tradutores” (GALLEGO ROCA, 1994: 136).<sup>49</sup> Outro termo é “a história da reflexão teórica”, que caminha junto com o anterior (HURTADO ALBIR, 2001: 101).<sup>50</sup> López Alcalá (2001: 112) pergunta se realmente dois ramos da história da tradução deveriam ser criados, com objetos de estudo diferentes: “história da tradução” e “história da teoria da tradução”. Mais recentemente, Gallego Roca estabeleceu de novo a diferenciação entre “história da tradução” ou “história das traduções” e “história dos textos traduzidos”, baseada na distinção feita por Gustavo Lanson entre “história da literatura” e “história literária”:

Paralelamente à distinção de Lanson, pode ser feita à distinção entre uma História das traduções, ocupada com as teorias, normas e tarefas do tradutor, e uma história dos textos traduzidos (CHEVREL, 1989: 78). Os objetos da história são diferentes em cada caso, porém não apenas podem ser compatíveis como devem ser complementares. (GALLEGO ROCA, 2004: 480).<sup>51</sup>

235

As dúvidas persistem e não é nítida a solução. Em minha opinião, o termo “história da tradução” está agora suficientemente difundido para, apesar das razões assinaladas, supor um problema metodológico para o pesquisador que define previamente o seu objeto de estudo. Este rótulo poderia mesmo servir, por sinédoque, para designar a história da interpretação.

Além disso, para autores como Lambert (1993: 20) é melhor distinguir “história” de “historiografia”: enquanto a “história” constitui o material histórico, objeto de pesquisa do historiador, a “historiografia” é a maneira como os pesquisadores descrevem, explicam, põem em relação e transmitem o objeto histórico. Em suma, a “historiografia” seria o discurso do historiador, mesmo que esse discurso possa chegar a constituir o objeto de estudo.

### 5.2.2. Definição e objeto da história da tradução

A definição e o objeto da história da tradução está em íntima relação com o que já foi dito. Judith Woodsworth apresenta uma definição da qual se depreende que o objeto de estudo da história da tradução pode ser a teoria da tradução em diversas épocas, a prática da tradução ou a teoria e a prática:

---

PINILLA, PULIDO, *et al.* *A metodologia em História da Tradução: Estado da questão.* *Belas Infêéis*, v. 6, n. 2, p. 223-255, 2017.

A história da tradução pode focar na prática ou na teoria ou em ambas. A história das práticas da tradução lida com questões como o que foi traduzido, por quem, em quais circunstâncias e em qual contexto social ou político. A história da teoria, ou do discurso na tradução, trata das seguintes questões: o que os tradutores tiveram para dizer sobre a arte/artesanato/ciência; como a tradução foi avaliada em diferentes períodos; que tipos de recomendações têm feito os tradutores ou como a tradução tem sido ensinada; e como esse discurso é relacionado com outros discursos do mesmo período. Ou tanto a teoria quanto a prática podem ser investigadas ao mesmo tempo: como pode ser determinada a veracidade ou a relevância do texto na tradução? Qual é a relação entre prática e reflexão na tradução? (WOODSWORTH, 1998: 101).<sup>52</sup>

Também Anthony Pym deu uma definição do objeto da história da tradução:

História da tradução (“historiografia” é um termo menos bonito para a mesma coisa) é um conjunto de discursos que apresenta as mudanças que ocorreram ou que foram ativamente impedidas no campo da tradução. Seu campo inclui ações e agentes que motivam as traduções (ou não traduções), os efeitos das traduções (ou não traduções), teorias sobre a tradução e um longo etcetera dos fenômenos causalmente relatados. (PYM, 1998: 5).<sup>53</sup>

236

Uma definição muito precisa, nas palavras de López Alcalá, “posto que se centra em várias chaves historiográficas (utilizando o termo que Pym evita): causas, efeitos, agentes e mudanças” (LÓPEZ ALCALÁ, 2001: 110).

Junto às traduções e às teorias, encontramos um terceiro objeto privilegiado: os tradutores. Já vimos como Delisle e a própria Woodsworth organizaram em 1995 o livro *Les traducteurs dans l’histoire/Translators through History*; depois Delisle coordenou em dois novos livros os perfis de outros tradutores: *Portraits des traducteurs* (1999) [Retratos de tradutores] e, como novidade, de algumas tradutoras: *Portraits des traductrices* (2002) [Retratos de tradutoras]. Ao mesmo tempo, Pym colocou o tradutor no centro da investigação histórica no Capítulo 10, dedicado à história da tradução, do seu manual *Method in Translation History* [Método em história da tradução] (1998). Todos eles querem situar em primeiro plano os protagonistas da tradução, porém a partir de algumas bases metodológicas que transcendam a simples biografia.

Outro assunto que se relaciona com o objeto de estudo é a aderência da história da tradução a uma determinada área do saber. Para Gallego Roca, um dos objetos da história da tradução, a literatura traduzida, formaria parte dos estudos literários: as traduções são evidências de primeira ordem na hora de estudar os contatos entre literaturas. Nesse sentido, as traduções e a literatura traduzida são um ponto em comum entre a Literatura Comparada e os Estudos da Tradução (GALLEGO ROCA, 1994: 114).<sup>54</sup> Para Delisle e Lafond (2000), a

história da tradução é um ramo da Tradutologia. No entanto, Anthony Pym a inclui nos estudos interculturais: “Os Estudos da Tradução poderiam tornar-se Estudos Interculturais; a História da Tradução poderia ser uma parte essencial da História Cultural” (PYM, 1998: xi).<sup>55</sup>

Finalmente, a prática historiográfica, tal como foi assinalada por Lambert, D'hulst e Delisle, se interessa também pelo método de trabalho do historiador e, portanto, pela escrita da história o que conduz implicitamente a questões de método e de epistemologia da disciplina.

### 5.2.3. A pesquisa histórica baseada no método do historiador

Pym tem sido um dos primeiros pesquisadores a indicar os problemas metodológicos dos estudos contemporâneos dedicados à história da tradução. No artigo de 1992, intitulado *Shortcomings in the historiography of translation* [Lacunas na historiografia da tradução], Pym já assinalava alguns pontos precários ou deficientes nas propostas de pesquisa baseadas nos métodos do historiador (PYM, 1992a: 10):

- a) A acumulação arqueológica dos dados que não correspondem a nenhuma problemática concreta, e que, pelo contrário, são simples inventários mais ou menos exaustivos que dão uma visão linear da história em vez de propor uma hipótese ou problemática específica como ponto de partida da pesquisa;
- b) A dependência geral de material anedótico em história da tradução, em vez de uma boa seleção de documentos científicos;
- c) A indiscriminada periodização, ou seja, uma periodização arbitrária;
- d) As traduções vistas sobretudo como expressões, em vez de fatores de mudanças históricas;
- e) As hipóteses infalsificáveis;
- f) Pouco espaço sistêmico para a interculturalidade do tradutor.

237

Também em 1992, no IV Simpósio Escandinavo sobre a Teoria da Tradução em Turku (Finlândia), Lambert sugeriu um programa em que ele ressaltou a importância da história e historiografia para o avanço dos Estudos da Tradução. Contrário aos esquemas do passado, o autor parte dos estudos descritivos da tradução e da Teoria dos Polissistemas para estudar historicamente as traduções a partir de uma perspectiva mais ampla. Lambert critica a

historiografia tradicional positivista e acumulativa, já que o estudo da história, como objeto e não como discurso, só favorece a promoção de textos e escritores já canonizados, excluindo assim fenômenos periféricos. O que interessa a Lambert é estudar a tradução ao longo da história como uma forma de compreender a evolução do conceito de tradução e sua realidade atual em diferentes espaços ou comunidades culturais. Para isso, ele propõe fazer uma limpeza da historiografia tradicional e elabora as perguntas que o historiador deve fazer no momento de propor sua pesquisa: quem, o que, onde, para quem e como se traduz. Além disso, propõe analisar fenômenos como a não tradução, o papel que desempenham as traduções e os tradutores nas sociedades contemporâneas. E, neste sentido, ele propõe a elaboração de alguns mapas que transcendam as noções de sociedade, país, nação e comunidade linguística, para assim dar conta de forma dinâmica do estado da cartografia mundial da tradução.

Em 1995, D'hulst procurou estabelecer as bases para a pesquisa da história das teorias da tradução e dos conceitos metatradutológicos ao longo da história. Este campo de estudo apresenta uma grande complexidade. Por isso, o historiador deverá definir antecipadamente seu projeto de leitura, fator que vai determinar o método de escrita da sua pesquisa e o modelo escolhido que, aliás, não será o único:

A natureza da pesquisa histórica tal como a almejamos, fundada na teoria e no método, é propriamente designada pelo termo “historiografia” [...] um acordo pode parecer fácil entre os historiadores da tradutologia sobre a escolha entre uma escrita de tipo positivista, simples inventário e crônica dos fatos, e aquela que mais especificamente se ocupa dos conceitos teóricos e seu agenciamento discursivo; no entanto, não é o mesmo caso quando se trata de privilegiar, no estudo da comunicação tradutológica, os textos teóricos, seus autores, sua recepção e a sua conceitualização. Da mesma forma, mostra-se delicada a opção por um modelo discursivo narrativo, hermenêutico, analítico, etc. (D'HULST, 1995: 15).<sup>56</sup>

A proposta de pesquisa de teorias de D'hulst está baseada em uma série de etapas, não isentas de dificuldades (D'HULST, 1995: 15-28):

- A fase heurística ou a busca e a seleção adequada das fontes: o historiador deverá indagar em diversos sentidos devido à dispersão de textos teóricos, e procurará confrontar vários textos do mesmo autor com o objetivo de conseguir o dinamismo necessário.
- O estudo do conteúdo dos textos em seus contextos: os textos não são transparentes e eles estão repletos de pressuposições. Por isso, é necessário abastecê-los de sentido, atendendo, assim, tanto àquilo que dizem quanto àquilo que calam, a partir de uma boa reconstrução baseada no contexto.



- A periodização adequada ou a complexidade do fator temporal: Fernand Braudel distingue, no contexto da França do século XVIII, três níveis temporais criados para explicar os diferentes ritmos da história: “duração longa” (o nível de estruturas, essas realidades constantes e que mudam lentamente); “duração média” (o nível das conjunturas, onde se propõem questões cíclicas); e “duração curta” (o nível de acontecimentos ou o tempo rápido dos acontecimentos).

- A questão do valor: a história não segue um caminho linear ou retilíneo, mas é feita de avanços e retrocessos, o progresso pode consistir de um retorno ao passado.

Jean Delisle (1996)<sup>57</sup> destacou a importância de pesquisar a história da tradução aplicando o método de trabalho do historiador a fim de definir um modo científico para escrever a história. Para isso, descarta cinco tipos de escrita (a crônica acumulativa; os repertórios de traduções; a coleção de testemunhos; os relatos de anedotas; e as coleções de biografias de tradutores). O objetivo é ressaltar a importância de escrever a história a partir de uma série de premissas, tais como: uma busca fiel das fontes; uma seleção pertinente de documentos; uma interpretação que dê sentido aos fatos, integrando-os no seu contexto e que inclua, finalmente, um juízo de valor.

239

Brigitte Lépinette foi a primeira pesquisadora na Espanha a tratar de questões metodológicas da história da tradução. Lépinette (1997) caracterizou uma série de modelos a partir das obras históricas publicadas até o ano supracitado, caracterização que segue vigente ainda nos dias de hoje.<sup>58</sup> Segundo a autora (LÉPINETTE, 1997: 4-6), existem dois modelos básicos na história da tradução. O primeiro é o “sociológico-cultural”, que leva em conta o contexto social e cultural da tradução no momento de sua produção e recepção, tendo como objetivo explicar a realização da tradução e de sua recepção. Sua finalidade é determinar as consequências desta “transnaturalização” e seus efeitos na história da cultura receptora. O segundo modelo, o “histórico-descritivo”, é apresentado em dois tipos: o “descritivo-comparativo”, no qual o pesquisador se concentra no estudo das teorias da tradução e na evolução temporal dos conceitos; e o “descritivo-contrastivo”, que insiste nas opções tradutórias escolhidas pelos tradutores em um texto-meta ou em vários correspondentes a um mesmo texto-fonte. Quando se acumulam os resultados das diversas análises de diferentes épocas, o estudo adquire um caráter histórico.

Brigitte Lépinette diferencia, outrossim, os objetos da prática historiográfica segundo o modelo histórico no qual estão aderidos e, ainda, admite que o mesmo objeto pode ser

adotado por qualquer um dos modelos. No que tange às técnicas de análise, a autora as vincula ao objeto selecionado pelo pesquisador. Em qualquer caso, reconhece a existência dos “objetos privilegiados” para cada modelo da história da tradução: o peritexto ou conjunto de fenômenos que acompanham a produção de um texto traduzido para o modelo sociológico-cultural; o metatexto, concebido como o conjunto de reflexões sobre tradução, corresponde ao modelo descritivo-comparativo; e, finalmente, o binômio texto-fonte/texto-traduzido, composto pelas traduções anteriores e seus textos-fontes, seria o objeto de estudo para o modelo descritivo-contrastivo.

Como resultado de pesquisas anteriores (1992a, 1992b), Anthony Pym publicou em 1998 *Method in Translation History*, a obra mais exaustiva sobre a reflexão metodológica em história da tradução. Suas propostas metodológicas vêm de pontos de vista surgidos na hora de enfrentar problemas práticos no curso do seu trabalho de pesquisa. Para Pym, a reflexão, no volume sobre a história da tradução, é antes de tudo uma questão prática. A teoria não é um elemento estranho inserido de forma acidental na prática descritiva do historiador: trata-se de uma prática em si mesma, com características narrativas próprias. Este historiador formula a essência destas conclusões em quatro princípios fortemente ligados à problemática real da história da tradução (PYM, 1998: ix-xi):

- a) sublinha a primazia da causalidade das traduções ou, com outras palavras, por que se traduz?;
- b) situa o tradutor no centro da pesquisa histórica da tradução;
- c) destaca o papel central da interculturalidade (como espaço de intercâmbio de saberes); e
- d) concede a prioridade ao presente, ou seja, a história da tradução deve servir para definir, analisar e responder as perguntas de hoje.

Para Pym, uma historiografia que parta de tais fundamentos teóricos, centrando-se na figura do tradutor como membro de grupos interculturais, há de conduzir de forma natural ao estudo dos pontos de interseção das culturas.

Ao mesmo tempo, como no artigo de 1992a, Pym distingue três áreas na história da tradução (1998: 5-6): a *Translation archaeology* [arqueologia da tradução], que trata de responder em todo ou em parte à complexa pergunta de quem traduz o que, como, onde,

quando, para quem e com que efeito?; a *Historical criticism* [crítica histórica], que procura avaliar o modo em que as traduções conduzem ou não ao progresso; e a *Explanation* [explicação], cujo objetivo é determinar por que surge uma determinada tradução. Estes modelos historiográficos convivem necessariamente na história da tradução, já que é o próprio desenvolvimento da pesquisa o que condiciona as opções de historiador. Tais “discursos” são inseparáveis do estudo considerado como um todo, porém em cada um deles se pode identificar um modo peculiar de focar o objeto de análise. Determinar o modo em que se articula um discurso histórico pode resultar útil na hora de organizar os conteúdos e comunicá-los como um todo coerente; de fato, o autor destaca a relevância de entender a história como uma atividade comunicativa, na qual o historiador deve procurar transmitir os achados obtidos durante o trabalho de pesquisa do modo mais adequado segundo o enfoque adotado.

O segundo estudo, em importância, sobre a metodologia da história da tradução apareceu no âmbito espanhol na obra de Samuel López Alcalá, que dedicou o Capítulo III de seu livro *La historia, la traducción y el control del pasado* (2001) [A história, a tradução e o controle do passado] para tratar de questões metodológicas a partir da perspectiva da teoria da história. Depois de rever os principais estudos metodológicos, com especial relevância para o caderno metodológico de Lépinette, — ao qual atribui a propensão para os enfoques literários e linguísticos em vez do histórico propriamente dito (LÓPEZ ALCALÁ, 2001: 104, nota de rodapé. 202) —, propõe três métodos extraídos da teoria da história, aplicáveis ao campo da história da tradução (LÓPEZ ALCALÁ, 2001: 120 - 124). O primeiro seria o método “erudito”, em que predomina o acúmulo de dados sem qualquer explicação e no qual o objetivo do historiador é expor com fidelidade os fatos seguindo uma classificação explícita e lógica, método este muitas vezes criticado por presumir um exercício de mera erudição, de viés positivista. O segundo seria o método “analítico-sintético”, em que o historiador seleciona os dados de forma mais ativa, sintetizando a informação coletada e criticando o seu objeto de análise, indagando as causas e os efeitos para tirar conclusões, de modo que o pesquisador corre o risco de introduzir o fator subjetivo e incorrer em contradições. O terceiro seria o método “estatístico”, que se baseia em dados suscetíveis de serem medidos e quantificados, e que permite realizar investigações sobre o passado e chegar a conclusões com um alto grau de precisão (embora não esteja a salvo de manipulação pelas deduções às quais é conduzido pelos dados numéricos).

Estes três métodos correspondem a três diretrizes históricas propostas pelo historiador Bernheim (LÓPEZ ALCALÁ, 2001: 124- 127): a orientação “narrativa”, que se limita a registrar os fatos e corresponde ao método erudito, em que o escritor tenta pôr de lado o seu juízo crítico, o que só é possível até certo ponto; a orientação “genética”, em que os dados aparecem ligados entre si por uma rede de causas que dão a eles sentido; e a orientação “pragmática”, que trata de tirar uma conclusão prática da investigação histórica e procura destacar sua relevância no tempo presente. Samuel López Alcalá afirma que, para estudar o passado, seria útil usar de maneira conjunta e coordenada as orientações e métodos que a teoria da história disponibiliza para o pesquisador.

Mais recentemente, encontramos outros trabalhos que incluem questões metodológicas. Em 2003, María Manuela Fernández e José Antonio Sabio Pinilla questionaram o tipo de historiografia usada para descrever a história da tradução no âmbito da Península Ibérica, a partir da persistência de certos tópicos referentes a características do discurso sobre a tradução qualificado de tardio ou inconsistente e que privilegiam certos nomes, formas de mediação ou áreas culturais. As consequências desta metodologia, ainda canônica, é a estagnação da disciplina, que impede o progresso da pesquisa em direções diferentes das estabelecidas. A proposta de Fernández e Sabio Pinilla defende um relato histórico com capacidade narrativa, com base no tratamento adequado das fontes, a partir de uma seleção de material que atenda a critérios de coerência e que, com base na delimitação de uma hipótese de trabalho, permita interpretar os significados culturais, sociais e ideológicos contidos nos documentos representam.

Em artigo publicado na revista *Meta* (2005), Francisco Lafarga ressaltou alguns dos problemas metodológicos encontrados por Luis Pegenaute e ele mesmo no desenvolvimento da *Historia de la traducción en España* (LAFARGA & PEGENAUTE, ed. 2004), uma obra coletiva, única em seu gênero, cujo objetivo foi, nas palavras de Lafarga:

[...] apresentar adequadamente, em ordem cronológica, a situação da tradução na Espanha em diferentes períodos históricos, combinando referências à atividade de tradução com as alusões necessárias às poéticas vigentes ou geralmente aceitas em cada período. (LAFARGA, 2005: 1140).<sup>59</sup>

Uma das novidades desta obra é que inclui a situação da tradução em outros âmbitos linguísticos e culturais, além do castelhano, como o catalão, o galego e o basco; no entanto, não inclui um capítulo sobre a América colonial. Aqui está um primeiro problema

metodológico: estreitar devidamente o espaço cultural que será objeto de estudo. Ainda havia o problema da periodização: ao se tratar de uma história da tradução literária optaram por seguir os critérios adotados na historiografia da literatura espanhola, embora esta opção levantasse algumas questões:

Na verdade, podemos falar de literatura espanhola na Idade Média, numa época em que não havia sequer a ideia de “Espanha”? E quando o termo “nacional” é usado, a que nação ou nacionalidade estamos nos referindo? Um tradutor, ou um escritor de Barcelona que traduz ou escreve em castelhano, a que âmbito cultural e a que literatura pertence? E mesmo se as fronteiras literárias se refizessem, sem levar em conta as divisões geopolíticas, em alguns casos esses limites deveriam descrever meandros tão grandes que o mapa seria ininteligível. (LAFARGA, 2005: 1141).<sup>60</sup>

Os onze capítulos que compõem a *Historia de la traducción en España*, uma obra aberta e panorâmica, levam em conta uma série de aspectos que refletem a variedade de conteúdos a que uma história pode dar lugar:

[...] a diversidade de traduções literárias, com eventuais alusões a traduções de textos não literários, agentes de tradução (tradutores, mecenas ou promotores de tradução, editores, etc.), relações entre traduções e pensamento tradutor, recepção da literatura traduzida, relação entre a literatura traduzida ou importada e literatura autóctone. (LAFARGA, 2005: 1142)<sup>61</sup>

243

Prova do interesse que despertam as questões metodológicas no início do século XXI é o trabalho *Charting the Future of Translation History* [Mapeando o futuro da história da tradução], que inclui os trabalhos apresentados no XVII Congresso anual da Associação Canadense de Estudos de Tradução em Winnipeg (Canadá, 29-31 maio de 2004) publicado em 2006 em Ottawa, na edição de Georges L. Bastin e Paul Bandia. Na seção dedicada à metodologia, encontramos sete trabalhos que refletem de forma fiel os temas nos que centram a atenção os pesquisadores hoje:

- Julio-César Santoyo, “Blank Spaces in the History of Translation”, pp. 11-44 [Espaços em branco na história da tradução]
- Paul Bandia, “The impact of Postmodern Discourse on the History of Translation”, pp.45-58 [O impacto do discurso pós-moderno na história da tradução]
- Reine Meylaerts, “Conceptualising the Translator as a Historical Subject in Multilingual Environments: a Challenge for Descriptive Translation Studies?”, pp. 59-80 [Conceitualização do tradutor como um sujeito histórico em ambientes multilíngues: um

desafio para os estudos descritivos de tradução?]

- Sergia Adamo, “Microhistory of Translation”, pp. 81-100 [Micro-história da tradução]
- Jesús Baigorri, “Perspectives on the History of Interpretation: Research Proposals”, pp. 101-110 [Perspectivas na história da interpretação: Propostas de pesquisa]
- Georges L. Bastin, “Subjectivity and Rigor in Translation History: the Latin American Case”, pp. 111-130 [Subjetividade e rigor na história da tradução: o caso latino-americano]
- Clara Foz, “Translation, History and the Translation Scholar”, pp. 131-144 [Tradução, história e o tradutólogo].

## 6. Exemplo de proposta: alguns passos na pesquisa histórica na tradução

Uma vez conferidos os problemas e abordagens metodológicas recolhidas em algumas das obras dedicadas ao estudo da história da tradução, parece apropriado concluir este trabalho com uma proposta geral. A meu ver, toda pesquisa histórica precisa de uns

244

passos que constituem o mínimo comum requerido na hora de se enfrentar uma pesquisa em história da tradução:

- O primeiro passo, ainda que possa parecer óbvio, é a escolha do tema que deve incluir as hipóteses de trabalho que orientam a pesquisa. É fundamental que o tema esteja espacial e temporalmente bem delimitado de maneira que o pesquisador possa abranger em profundidade seu objeto de estudo. Para a história da tradução, contudo, se faz necessário montar equipes de trabalho que sejam coordenadas por um ou mais pesquisadores principais e que estes desenvolvam a história da tradução em um espaço culturalmente concreto.<sup>62</sup> Uma das limitações encontradas na seleção do tema é que a história da tradução tem se centrado nos textos e nos tradutores culturalmente importantes, privilegiando a tradução literária; para isso, é preciso ampliar o leque de temas e estender a pesquisa para outros tipos de textos e tradutores. Ao mesmo tempo, existe uma tendência eurocêntrica muito criticada que vem excluindo sistematicamente alguns âmbitos culturais do estudo da história da tradução. (SABIO PINILLA, 2001).
- Definido o tema, o pesquisador deverá dar sequência à busca de fontes de informação que lhe permitam trabalhar com documentos autênticos, o que exige uma boa escolha tanto de

fontes, quanto de documentos. O historiador não deve desconsiderar nenhum documento, por mais insignificante que pareça, porque às vezes os documentos aparentemente menos relevantes contêm surpresas interessantes. Neste caso, as obras bibliográficas, os catálogos e as coleções são de grande utilidade, pois facilitam o trabalho do tradutor e lhe permitem o acesso às fontes primárias e secundárias. Assim, o acesso às fontes e a seleção de diversos tipos de texto são outra etapa indispensável em toda pesquisa histórica. Entretanto, a mera análise e recopilação da documentação não constituem em si mesmos um trabalho de pesquisa histórica, ainda que a seleção de documentos autênticos e relevantes para a pesquisa faça parte do trabalho do historiador.

- Na escolha do tema e das fontes é imprescindível que o pesquisador estabeleça periodicidade adequada ao seu tema. Ou seja, assim como a história da tradução tem sido objeto de classificações gerais pelos estudiosos<sup>63</sup>, o pesquisador precisa estabelecer em seu trabalho uma evolução própria baseada em uma cronologia e periodização. Toda pesquisa do tipo histórico exige que as questões tratadas estejam dentro de uma duração e de um espaço, com a finalidade de identificar o que muda e o que não muda na busca da dialética da continuidade e da descontinuidade que garanta o dinamismo necessário da história. Quais são as opções que temos para evitar a periodização arbitrária? Existem diferentes possibilidades: optar pelas periodizações clássicas de momentos históricos (Antiguidade, Idade Média, etc.), possibilidade que tem sido criticada como perspectiva eurocêntrica, visto que não serve para outros continentes como África, Ásia ou América Latina. Outra opção é estabelecer uma aproximação que se apoie nas grandes orientações teóricas próprias da disciplina e talvez dê conta de maneira mais precisa da evolução da tradução (um exemplo poderiam ser os quatro períodos de G. Steiner, 1975, ou as divisões temáticas de Ballard, 1992). Finalmente, poderia ser adotada uma aproximação mista como faz Paul Horguelin em sua *Anthologie de la manière de traduire* (1981) [Antologia da maneira de traduzir]. Como vemos, as opções são variadas e cada uma responde a uma diferente concepção de estudo histórico. Em última instância, será o próprio historiador em função de sua pesquisa quem decide por uma ou outra forma na hora de dividir cronologicamente seu estudo e propor, se for o caso, nova periodização do seu tema de estudo.

- Conforme o tipo de estudo pelo qual tenhamos optado (tradutores, traduções e teorias), devemos escolher o método mais adequado às suas características. Entretanto, a aplicação de um método ou outro dependerá do tipo de pesquisa histórica pela qual optemos e,

segundo D'hulst, Lépinette e López Alcalá, os métodos não são excludentes, já que podem e devem combinar-se. Por isso, será o próprio pesquisador quem deve escolher o método de acordo com a orientação tomada em sua pesquisa, segundo queira estudar a recepção e função de uma ou várias traduções em um momento histórico e em uma determinada cultura; comparar uma ou várias traduções; analisar o papel dos tradutores; ou descrever as teorias ao longo da história. Seja como for, é importante uma boa contextualização na qual o tema selecionado e, com certeza, os textos e os tradutores sejam explicados e analisados dentro do ambiente social, político, econômico, ideológico e cultural em que foram gerados. Em suma, o método requer uma análise e explicação crítica dos textos e dos seus protagonistas.

- A análise e a explicação acarretam um juízo crítico, uma valorização pessoal por parte do historiador, passo que converte a pesquisa histórica em interpretação do passado. Portanto, é essencial fazer uma avaliação dos resultados obtidos, ou melhor, para expressá-lo com duas perguntas: qual é a abrangência do conhecimento que gera a pesquisa histórica? Esse conhecimento é válido apenas para o historiador? A valorização final inclui um juízo crítico com base na interpretação das respostas clássicas levantadas na pesquisa: “quem”, “o que”, “onde”, “com que intenção”, “por que”, “como” ou “quando”, porque a história é, precisamente, um esforço de compreensão e interpretação. E esse esforço interpretativo deve ser útil para todos.
- Por último, o conhecimento histórico deve fornecer uma ferramenta de pesquisa para valorizar o passado apropriadamente e evitar em todos os momentos interpretações radicais, imprecisas e estáticas. Para isso, o último passo na pesquisa histórica deve incentivar uma revisão da história a partir de um ponto de vista crítico; e, como qualquer obra histórica é uma obra aberta, deve propor novos campos de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOS, Flora R. *Early Theories of Translation*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1920. [Nueva York: Octagon Books, 1973, 2a ed.].

BAKER, Mona & MALMKJÆR, Kirsten (eds). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 1998.

BALLARD, Michel. *De Cicéron a Benjamín. Traducteurs, traductions, réflexions*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1992.



BALLESTERO, Alberto. *Diccionario de traducción. Traducciones y traductores en Navarra (siglos XV-XIX)*. Pamplona: Eunate, 1998.

BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. Londres, Nova Iorque: Methuen, 1980. [Londres, Nova Iorque: Routledge, 1991 (edição revisada)]

BASTIN, Georges L. & BANDIA, Paul (eds.). *Charting the Future of Translation History*. Ottawa: University Press of Ottawa, 2006.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.

BERMAN, Antoine (1989). La traduction et ses discours. In: *Meta*, 34, 4, 672-679.

CARY, Edmond. *Les grands traducteurs français*. Ginebra: Georg., 1963.

CÁCERES WÜRSIG, Ingrid (2004). Historia de la traducción en la Administración y en las relaciones internacionales en España (s. XVI-XIX) . *VERTERE*, Monográficos de la Revista *Hermeneus*, Núm. 6.

DELISLE, Jean, WOODSWORTH, Judith (dir.). *Les traducteurs dans l'histoire*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa et éditions UNESCO, 1995. *Translators through History*. John Benjamins, UNESCO Publishing, 1995.

247

DELISLE, Jean. Reflexions sobre as esixencias científicas da historia da traducción. *Viceversa* 2, 3 7-56, 1996. [Reproducido en «Réflexions sur l'historiographie de la traduction et ses exigences scientifiques». *Équivalences*, 1997-98, 26 (2), 27 (1), 21 -43]

DELISLE, Jean (dir). *Portraits de traducteurs*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, Artois Presses Université, 1999.

DELISLE, Jean & LAFOND, Gilbert. *Histoire de la traduction*. CD-ROM. Université d'Ottawa/École de Traduction et d'Interprétation, 2000 [Nova edição em 2002]

DELISLE, Jean (dir). *Portraits de traductrices*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, Artois Presses Université, 2002.

DELISLE, Jean (2003). História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngüe. *Gragoatá* Niterói, n. 13, p. 9-21, 2.sem 2002 [Tradução do francês por Fernando Afonso de Almeida.

D'HULST, Lieven (1990). *Cent ans de théorie française de la traduction. De Batteux à Littré (1754-1847)*. Lille: Presses Universitaires de Lille.

D'HULST, Lieven (1994). Enseigner la traductologie: pour qui et a quelles fins? *Meta* 39, 1, 8-14.

D'HULST, Lieven (1995). Pour une historiographie des théories de la traduction: questions de

méthode. TTR VIII, 1, 1 3-33.

FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, Manuela & SABIO PINILLA, José Antonio (2003). Algunas reflexiones acerca del relato canónico de la historia de la traducción y algunas incidencias en el ámbito peninsular. En Ricardo Muñoz Martín (ed), *Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación*. (Granada, 1 2-14 de febrero de 2003). Granada: AIETI, I, 69-80.

GALLEGO ROCA, Miguel (1994). *Traducción y literatura: Los estudios literarios ante las obras traducidas*. Madrid: Ediciones Júcar.

GALLEGO ROCA, Miguel (2004). De las vanguardias a la Guerra Civil. In: Francisco Lafarga y Luis Pegenaute (eds). *Historia de la traducción en España*. Salamanca: Editorial Ambos Mundos, 479-526.

GARCÍA CALVO, Agustín (1973). Apuntes para una historia de la traducción. In: Lalia: Ensayos de Estudio Lingüístico de la Sociedad. Madrid.

GARCÍA GARROSA, M<sup>a</sup> Jesús y Francisco Lafarga (2004). El discurso sobre la traducción en la España del siglo XVIII. Estudio y Antología. Kassel: Edition Reichenberger (Problemata Literaria 6 1).

248 GARCÍA YEBRA, Valentín (1983). En torno a la traducción. Madrid: Gredos.

GARCÍA YEBRA, Valentín (1988). Protohistoria de la traducción. En Julio-César Santoyo et al. (eds), *FIDUS interpres*. Actas de las I Jornadas Nacionales de Historia de la Traducción. León, Universidad de León, I, 1 1 -23 .

GARCÍA YEBRA, Valentín (1994). *La traducción. Historia y teoría*. Madrid: Gredos.

GARCÍA YEBRA, Valentín (2004). Breves apuntes de historia de la traducción. In: *Traducción y enriquecimiento de la lengua del traductor*. Madrid: Gredos, 21 -37.

HOLMES, James S. (1988). The Name and the Nature of Translation Studies. In: *Translated! Papers in Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 67-80.

HORGUELIN, Paul (1981). *Anthologie de la manière de traduire*. Domaine français. Montreal: Linguattech.

HURTADO ALBIR, Amparo (1994). Perspectivas de los estudios sobre la traducción. In: Amparo Hurtado Albir ( ed), *Estudis sobre la traducció*. Col·leció «Estudis sobre la traducció», n° 1 , Universitat Jaume I, 25-4 1 .

HURTADO ALBIR, Amparo (2001). *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Cátedra Lingüística. [2a ed. 2004].

JACOBSEN, Eric (1958). *Translation, a Traditional Craft*. Copenhagen: Guldendal.

KELLY, Louis G. (1979). *The True Interpreter. A History of Translation Theory and Practice in the West*. Oxford: Blackwell.

LAFARGA, Francisco & PEGENAUTE, Luis (eds.) (2004). *Historia de la traducción en España*. Salamanca: Editorial Ambos Mundos.

LAFARGA, Francisco (2005). Sobre la historia de la traducción en España: contextos, métodos, realizaciones. In: *Meta* 50, 4, 1133-1147.

LAMBERT, José (1993). History, Historiography and the Discipline: A Programme. In: GAMBIER, Yves & TORRNOLA, J. (eds), *Translation and Knowledge. Scandinavian Symposium on Translation Theory IV ( 6-6- 1992)*. Turku: University of Turku 1 Centre for Translation and Interpreting, 3-25.

LEFEVERE, André (1977). *Translating Literature: The German Tradition, from Luther to Rosenzweig*. Assen/Arnsterdam: Van Gorcum.

LÉPINETTE, Brigitte (1997). *La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos*. Valencia: Centro de Estudios sobre Comunicación Interlingüística e Intercultural.

LÉPINETTE, Brigitte & MELERO, Antonio (eds.) (2003). *Historia de la traducción*. Valencia: Facultat de Filologia 1 Universitat de Valencia (Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics VIII).

249

LÓPEZ ALCALÁ, Samuel (2001). *La historia, la traducción y el control del pasado*. Madrid: Universidad Pontificia, ICAI-ICADE.

MATTHIESSEN, Francis Otto (1931). *Translation: An Elizabethan Art*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

MOUNIN, Georges (1955). *Les belles infidèles*. París: Éditions des Cahiers du Sud.

MOUNIN, Georges (1965). *Teoria e storia della traduzione*. Turin: Einaudi.

NIDA, Eugene (1964). The Tradition of Translation in the Western World. In: *Toward a Science of Translating*. Leyde: Brill, 11-29.

NIDA, Eugene (1976). A Framework for the Analysis and Evaluation of Theories of Translation. In: R. W. Brislín (ed), *Translation Applications and Research*. Nova Iorque: Garner Press, 47-91.

PYM, Anthony (1992a). Shortcomings in the Historiography of Translation. *Babel* 38, 4, 221-235.

PYM, Anthony (1992b). Complaint Concerning the Lack of History in Translation Histories. *Livius* 1, 1 - 11.

- PYM, Anthony (1998). *Method in Translation History*. Manchester: St. Jérôme. Radó.
- RADÓ, Gyorgy (1964). La traduction et son histoire. *Babel X (1)*, 1 5-1 6.
- RADÓ, Gyorgy (1 967). Approaching the History of Translation. *Babel X III, 3*, 169- 173.
- RENER, Frederick M. (1989). *Interpretatio. Language and Translation from Cícero to Tytler*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi.
- RODRIGUES, António A. Gonçalves (1992). *A Tradução em Portugal. Vol . I. 1495- 1834*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SABIO PINILLA, José Antonio (2001). Inclusões e exclusões na história da tradução. O caso de Portugal. Separata de la conferencia de cláusura del I Congreso Ibérico sobre Tradução. Teatro da Trindade de Lisboa, 28-29 de novembro de 2001. Lisboa: Edições Colibrí, 21 p.
- SANTOYO, Julio-César (1987). *Teoría y crítica de la traducción. Antología*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- SANTOYO, Julio-César (1997). Traducciones cotidianas en la Edad Media. *Livíus 9*, 1 59-1 86.
- STORIG, Hans J. (1963). *Das Problem des Übersetzens*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- STEINER, George (1975). *After Babel*. Londres/Oxford: Oxford University Press.
- STEINER, G. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.
- STEINER, Thomas R. (1975). *English Translation Theory 1650-1800*. Amsterdam: Van Gorcum.
- SAVORY, Theodore (1957). *The art of translation*. Londres: Jonathan Cape.
- VAN HOOFF, Henri (1986) *Petite histoire de la traduction en Occident*. Lovaina: Cabay.
- VEGA, Miguel Ángel (1994). *Textos clásicos de teoria de la traducción*. Madrid: Cátedra. 2a. ed. 2004.
- WOODSWORTH, Judith (1996). Teaching the History of Translation. In: C. Dollerup y Vibeke Appel (ed.), *Teaching Translation and Interpreting 3*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 9- 17.
- WOODSWORTH, Judith (1998). History of Translation. In: Mona Baker y Kirsten Malmkjær (eds), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 100-105.

**RECEBIDO EM:** 25 de setembro de 2017

**ACEITO EM:** 08 de novembro de 2017

**PUBLICADO EM:** novembro de 2017

---

<sup>1</sup> PINILA, José Antonio Sabio. La metodología em historia de la traducción: estado de la cuestión. **Sendebarr**, Granada, Espanha, 2006, v. 17. Disponível em: <http://revistaseug.ugr.es/index.php/sendebarr/article/view/1007/1188> Acesso: novembro 2017.

Tradução e publicação autorizada pelo autor.

<sup>2</sup> José Antonio Sabio PINILLA. Professor titular da Universidade de Granada, Espanha. Granada, Espanha. E-mail: [jasabio@ugr.es](mailto:jasabio@ugr.es)

<sup>3</sup> Martha Lucía PULIDO Correa. Doutora em Ciências literarias y humanas (1996) pela Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne, França. Professora da Universidade de Antioquia, Colômbia. Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6362075287830106> E-mail: [marthaluciapulido@gmail.com](mailto:marthaluciapulido@gmail.com)

<sup>4</sup> Rosario Lázaro IGOA. Doutora (2016) e Mestre (2011) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Licenciatura em Ciências da Comunicação (2006), Universidad de la Republica Uruguay, Uruguai. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6318535602672051> E-mail: [rosilazaro@gmail.com](mailto:rosilazaro@gmail.com)

<sup>5</sup> Paulo Henrique PAPPEN. Mestre em Estudos da Tradução (2017) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Letras – Português e Literaturas (2013) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2871023911267519> E-mail: [paulohpappen@gmail.com](mailto:paulohpappen@gmail.com)

<sup>6</sup> Estudantes da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Seminário História da Tradução UFSC 2016, ministrado pela Profa. Dra. Martha Pulido.

<sup>7</sup> Alggeri Hendrick RODRIGUES. Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Letras Alemão (2013) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2205768470187771> E-mail: [hendrick.de@gmail.com](mailto:hendrick.de@gmail.com)

<sup>8</sup> Jaqueline Sindorski BIGATON. Doutoranda e Mestre (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Letras – Língua Francesa e Literaturas (2014) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2899124672170738> E-mail: [jaquelinesindorski@gmail.com](mailto:jaquelinesindorski@gmail.com)

<sup>9</sup> Clarissa Prado MARINI. Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Letras – Tradução/Francês (2013) pela UnB. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145> E-mail: [clarissamarini@gmail.com](mailto:clarissamarini@gmail.com)

<sup>10</sup> Diogo BERNS. Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Cinema (2015) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8354210362015060> E-mail: [diogo.cinestar@hotmail.com](mailto:diogo.cinestar@hotmail.com)

<sup>11</sup> Dóris LUTZ. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras – Alemão (2015) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8136743195493270> E-mail: [dorislutz31@gmail.com](mailto:dorislutz31@gmail.com)

<sup>12</sup> Eliane Kraemer PINHEIRO. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Geografia (1997) e graduanda em Letras – Alemão ambas pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0609136375072788> E-mail: [lani.krapi@gmail.com](mailto:lani.krapi@gmail.com)

<sup>13</sup> Francisca Ysabelle Manríquez REYES Silveira. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras – Francês (2014) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6289153510108128> E-mail: [fran.ysabella@gmail.com](mailto:fran.ysabella@gmail.com)

<sup>14</sup> Ingrid BIGNARDI. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras – Italiano (2012) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4903373981683347> E-mail: [ingridbignardi@gmail.com](mailto:ingridbignardi@gmail.com)

<sup>15</sup> Juliana Venera INACIO. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras – Italiano (2016) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9391338933163939> E-mail: [julianav\\_in@hotmail.com](mailto:julianav_in@hotmail.com)

<sup>16</sup> Jussara RODE. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Secretariado Executivo (2013) e graduanda em Letras – Português pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5862570401925327> E-mail: [jussara.letas@outlook.com](mailto:jussara.letas@outlook.com)

<sup>17</sup> Leide Daiane de Almeida OLIVEIRA. Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Letras - Inglês e Literatura Correspondente (2016) pela mesma universidade. Graduada em Letras Língua Inglesa e Literaturas (2009) pela Universidade do Estado da Bahia. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6550046351400030> E-mail: [daiane.deao@gmail.com](mailto:daiane.deao@gmail.com)

<sup>18</sup> Margot Cristina MÜLLER. Doutoranda e Mestre (2014) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Língua Italiana e Literaturas (2011) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4815219128622342> E-mail: [margot.muller@gmail.com](mailto:margot.muller@gmail.com)

<sup>19</sup> Marina Giosa AZEVEDO. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras Espanhol pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5677599407306903> E-mail: [marinagiosa@hotmail.com](mailto:marinagiosa@hotmail.com)

<sup>20</sup> Mirella Nunes GIRACCA. Doutora (2017) e Mestre (2013) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciada (2009) e Bacharel (2010) em Letras Espanhol pela mesma universidade. Professora na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5029547418928323> E-mail: [mirellagiracca@yahoo.com.br](mailto:mirellagiracca@yahoo.com.br)

<sup>21</sup> Myrian Vasques OYARZABAL. Doutoranda e Mestre (2013) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Língua Espanhol (2011) pela mesma universidade e em Pedagogia (2010) pelo Centro Universitário Municipal de São José. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8539112377640482> E-mail: [myrian.ead@gmail.com](mailto:myrian.ead@gmail.com)

<sup>22</sup> Priscila Martimiano ROCHA. Mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Secretário Executivo Trilíngue (2012) pela Universidade Estadual de Maringá. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3177201205726685> E-mail: [priscilamrocha@hotmail.com](mailto:priscilamrocha@hotmail.com)

<sup>23</sup> André Luiz Ramalho AGUIAR. Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Letras (2005) pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França. Graduação em Letras habilitação língua e civilização portuguesa (2002) pela Université de Nantes, França. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1783061392499356> E-mail: [aramalho2011@gmail.com](mailto:aramalho2011@gmail.com)

<sup>24</sup> Renan Abdalla LEIMONTAS. Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharel em Letras – Inglês (2014) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1838431990835778> E-mail: [renan.leimontas@hotmail.com](mailto:renan.leimontas@hotmail.com)

<sup>25</sup> Gabriela HESSMANN. Doutoranda e Mestre (2013) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras – Francês (2007) pela mesma universidade e em Comunicação Social habilitação Jornalismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4562031284956878> E-mail: [gabrielahessmann@hotmail.com](mailto:gabrielahessmann@hotmail.com)

<sup>26</sup> Nota do autor (N.A.) Neste artigo, utilizo indistintamente os diferentes termos Estudos da Tradução e Tradutologia. Para as distintas denominações que a disciplina tem recebido, pode ser consultada a obra de Hurtado Albir (2001: 133-135).

<sup>27</sup> N.T. Todas as traduções com o original no rodapé são nossas.

*“Oui, la composition de l’histoire de la traduction est à l’ordre du jour. Mais quelle espèce d’histoire? Doit-elle être une oeuvre monumentale contenant toutes les dates et données de la route glorieuse que l’art de la traductipn a parcouru dans tous les pays, dans le domaine de toutes les langues, anciennes et modernes? Un tel ouvrage serait bien nécessaire mais la Fédération International des Traducteurs, est une Association encore très jeune pour disposer déjà des éléments indispensables à la rédaction d’une œuvre aussi importante. Faudrait-il pour autant renoncera cette idée que, déjà, s’avère un devoir positif et réel? Certes non. Ce dont il s’agit maintenant, est d’organiser le travail en vue de l’œuvre future tout en tenant compte de nos possibilités actuelles.”* (1964 : 15)

<sup>28</sup> “I. Introduction. What translation has meant in world history.

II. The first traces of translation in prehistory.

---

III. *The contacts of ancient nations. [...]*

IV. *Contacts of nations in the Middle Ages. [...]*

V. *Translation and the modern languages. [...]*

VI. *Supranational task of translation.*" (RADÓ, 1967: 171)

<sup>29</sup> N.T. A última revisão é datada de 8 de novembro de 2005; pode ser consultada na internet desde a quarta edição de 1998: <www.uottawa.ca/academic/arts/traint/rapport01-02.rtf>.

<sup>30</sup> N.T. *Os tradutores na história*, São Paulo (Brasil), Editora Atica, 1998. Trad.: Sérgio Bath.

<sup>31</sup> N.A. Um dos problemas deste tipo de obras são os erros e omissões que acarretam, como assinalou Christian Balliu na resenha dessa obra (*Meta* 41, 3, 1996, 473-475) e Julio-César Santoyo no artigo "Sobre la historia de la traducción en España: algunos errores recientes" [Sobre a história da tradução na Espanha: alguns erros recentes] (*Hermeneus*, Revista de la Facultad de Traducción e Interpretación de Soria, 2004, 6, 169-182).

<sup>32</sup> "No se ha escrito hasta ahora una historia que abarque las principales manifestaciones de esta actividad cultural desde sus comienzos hasta nuestros días en todas las literaturas. Tal empresa sobrepasa las fuerzas de cualquier individuo, incluso las de un equipo amplio y bien concertado." (García Yebra 1988: 11)

<sup>33</sup> "It is worthwhile and necessary to explore particular corners of cultural history, and to reveal the results in books, as part of the didactics of scholarship. However, it is impossible to see how we could ever realise the dream of literary historians, who have wanted to summarise the development of literatures in one or several volumes. Such dreams teach us more about the historians than about literature. Historiography as a book, or as a narrative, belongs to the traditions of positivism. Only a systematic mapping or state of the art seems to be possible. [...] So far there seems to be no possibility of any world history of translation, but it is time for historians to work out honest historical maps where they summarize what has been done and what is to be done." (1993: 20-21)

<sup>34</sup> "The second point is that, in each of the three branches of translation studies, there are two further dimensions that I have not mentioned, dimensions having to do with the study, not of translating and translations, but of translation studies itself. One of these dimensions is historical: there is a field of the history "of translation theory, in which some valuable work has been done, but also one of the history of translation description and of applied translation studies (largely a history of translation teaching and translator training) both of which are fairly well virgin territory. Likewise there is a dimension that might be called the methodological or meta-theoretical, concerning itself with problems of what methods and models can best be used in research in the various branches of the discipline (how translation theories, for instance, can be formed for greatest validity, or what analytic methods can best be used to achieve the most objective and meaningful descriptive results), but also devoting its attention to such basic issues as what the discipline itself comprises. This paper has made a few excursions into the first of these two dimensions, but all in all it is meant to be a contribution to the second. It does not ask above all for agreement. Translation studies has reached a stage where it is time to examine the subject itself Let the meta-discussion begin." (1988: 79)

<sup>35</sup> "No introduction to Translation Studies could be complete without consideration of the discipline in a historical perspective, but the scope of such an enterprise is far too vast to be covered adequately in a single book, let alone in a single chapter." (1980: 39)

<sup>36</sup> "We need to know much more about the history of Translation Studies. More documentation, more information about changing concepts of translation has become a priority and the establishment of an international collaborative venture on translation history, of the kind envisioned by James Holmes." (1980: 134)

<sup>37</sup> "A toute modernité appartient, non un regard passéiste, mais un mouvement de rétrospection qui est une saisie de soi. [...] Nous ne pouvons pas nous satisfaire des périodisations incertaines que George Steiner a échafaudées dans *Après Babel* a propos de l'histoire occidentale de la traduction. Il est impossible de séparer cette histoire de celle des langues, des cultures et des littératures –voire de celle des religions et des nations. Encore ne s'agit-il pas de tout mélanger, mais de montrer comment, a chaque époque, ou dans chaque espace historique donné, la pratique de la traduction s'articule a celle de la littérature, des langues, des divers échanges interculturels et interlinguistiques." (1984: 12-13)

<sup>38</sup> "Faire l'histoire de la traduction, c'est redécouvrir patiemment ce réseau culturel infiniment complexe et déroutant dans lequel, a chaque époque, ou dans des espaces différents, elle se trouve prise. Et faire du savoir historique ainsi obtenu une ouverture de notre présent." (1984: 14)

<sup>39</sup> N.A. Reproduzido, com rápidas variantes de redação, em Hurtado Albir (2001:146).

<sup>40</sup> "la dimensión histórica (análisis en diacronía y/o en sincronía). Dentro de los análisis diacrónicos conviene distinguir si se trata de una perspectiva de análisis (la traducción comparada diacrónica) o de investigaciones sobre la historia de la traducción o sobre la historia de la reflexión teórica en torno a la traducción." (1994: 35)

<sup>41</sup> "En todas las ramas se introducen variables lingüísticas y culturales (las lenguas y las culturas implicadas en

el análisis) y también históricas (la historia de una variedad de traducción, la historia de la didáctica de la traducción, etc. ). Las relaciones se producen, pues, en todas las direcciones. [...] Además, el estudio del conjunto de los enfoques teóricos existentes (las diversas teorías de la traducción) forma parte también de la disciplina, al ser parte de la historia de la reflexión teórica.” (2001: 147)

<sup>42</sup> “Les traducteurs n’aiment généralement guère parler ‘théorie’. Ils se conçoivent comme des intuitifs et des artisans. Et pourtant, des le début de la tradition occidentale, l’activité traduisante s’est accompagnée d’un discours-sur- la-traduction.” (1989: 672).

<sup>43</sup> “L’histoire forme pour le néophyte une excellente voie d’accès à la discipline. –Elle donne au chercheur la flexibilité intellectuelle qui lui sera nécessaire lorsqu’il s’agit pour lui d’adapter ses idées a de nouvelles manières de penser. –L’histoire incite a une plus grande tolérance a l’endroit de manières éventuellement déviantes de penser les questions de traduction, s’opposant ainsi a une vision aveugle a telle ou telle théorie, en rendant possible aussi une vision à froid entre le progrès réel et la simple reformulation, celle-ci pouvant être présentée et accueillie comme originale dans des conditions spécifiques. –Elle est pratiquement le seul moyen de retrouver l’unité d’une discipline, en montrant les parallèles et les recoupements entres des traditions de pensée et d’activité divergentes, en rapprochant le passé et le présent. –L’histoire permet régulièrement aux traducteurs de se ressourcer a des modèles passés.” (1994: 12- 13).

<sup>44</sup> “Plaider comme on le fait de nos jours pour la nécessité d’une traductologie enfin interdisciplinaire, c’est non seulement occulter la tradition, mais c’est s’inscrire à son tour dans l’histoire de la discipline en exprimant l’un de ses grands thèmes récurrents.” (D’HULST, 1995: 14).

<sup>45</sup> “[...] plus la mémoire théorique s’estampe dans les efforts de conceptualisation présentés comme originaux et propres à notre époque, plus la perspective historique aura intérêt a souligner les sources antérieures de ce savoir.” (D’HULST, 1995: 14).

<sup>46</sup> “On peut même dire que l’histoire est a la traductologie ce que la perspective est a l’art pictural. [...] Elle permet, comme le dit l’expression, de ‘mettre en perspective’ les notions théoriques de la traductologie, de les présenter dans toutes leurs dimensions en les situant dans un contexte plus large que celui délimité par telle ou telle approche théorique. Cette perspective historique offre, a notre avis, la meilleure protection contre les explications simplistes, les définitions un peu courtes, les conclusions trop hâtives en matière de fidélité, par exemple. Elle nous prémunit surtout contre toute forme de dogmatisme.” (2000: Notions, théories de la traduction CD-ROM).

<sup>47</sup> “Les traductions ont une temporalité propre, qui est liée a celle des œuvres, des langues et des cultures. Cette réflexion sur le temps du traduire ouvre a une étude de caractère ‘historique’: écrire l’histoire de la traduction dans les aires ou elle a constitué l’un des facteurs fondamentaux de la constitution des langues et des littératures. [...] Traduction et écriture forment une unité originare. Le paradoxe central d’une histoire de la traduction étant peut-être que l’histoire elle-même commence avec la traduction.” (1989: 677).

<sup>48</sup> N.A. As antologias pretendem reunir e pôr ao alcance do leitor os textos mais representativos da reflexão tradutória ao longo da história (em um ou vários âmbitos culturais), e costumam apresentar textos que, devido à sua natureza secundária, resultam em um difícil acesso ao leitor. As antologias são um fenômeno muito importante dentro da história da tradução e constituem, por elas mesmas, todo um gênero, desde a primeira, de Storig (1963), até a última, de García Garrosa e Lafarga (2004).

<sup>49</sup> “el término traducción designamos tanto el producto, los textos traducidos, como el proceso, la actividad de los traductores” (1994: 136).

<sup>50</sup> “historia de la reflexión teórica” (HURTADO ALBIR, 2001 : 101)

<sup>51</sup> N.A. Distinção já feita no seu livro de 1994, p. 109.

“En paralelo a la distinción de Lanson es posible distinguir una Historia de las traducciones, ocupada en las teorías, las normas y el quehacer del traductor, y una historia de los textos traducidos (Chevreil, 1989: 78). Los objetos de la historia son distintos en cada caso pero no sólo pueden ser compatibles, sino que deben ser complementarios.” (GALLEGO ROCA, 2004: 480).

<sup>52</sup> “The history of translation can focus on practice or theory or both. A history of the practice of translation deals with such questions as what has been translated, by whom, under what circumstances, and in what social or political context. History of theory, or discourse on translation, deals with the following questions: what translators have had to say about their art/craft/science; how translations have been evaluated at different periods; what kinds of recommendations translators have made or how translation has been taught; and how this discourse is related to other discourses of the same period. Or both theory and practice can be investigated at once: how can the reliability or relevance of texts on translation be determined? What is the relation between practice and reflection on translation?” (WOODSWORTH, 1998: 101)

<sup>53</sup> “Translation history (‘historiography’ is a less pretty term for the same thing) is a set of discourses



*predicating the changes that have occurred or have actively been prevented in the field of translation. Its field includes actions and agents leading to translations (or non-translations), the effects of translations (or non-translations), theories about translation, and a long etcetera of causally related phenomena.*” (PYM, 1998: 5)

<sup>54</sup> N.A. Para Susan Bassnet (1991: xi), porém, a Literatura Comparada deveria ser considerada um ramo dos Estudos da Tradução. Gallego Roca – seguindo Claudio Guillén – rejeita essa afirmação por ser incorreta, já que a Literatura Comparada se ocuparia de muitos outros problemas nos que os fenômenos de tradução literária não têm uma participação direta (GALLEGO ROCA, 1994: 114).

<sup>55</sup> “*translation studies could become intercultural studies; translation history could be an essential part of intercultural history*” (1998: xi).

<sup>56</sup> “*La nature de la recherche historique telle que nous la souhaitons, fondée en théorie et en méthode, est proprement désignée para le terme “historiographie” [...] un accord peut sembler aisé entre historiens de la traductologie sur le choix entre une écriture de type positiviste, simple inventaire et chronique des faits, et celle qui plus spécifiquement rend compte des concepts théoriques et de leur agencement discursif; par contre, il n'en est pas de même lorsqu'il s'agit de privilégier; dans l'étude de la communication traductologique, les textes théoriques, ou leurs auteurs, ou leur réception, ou leur conceptualisation. Au même titre, s'avère délicate l'option pour un modèle discursif narratif, herméneutique, analytique, etc.*” (D'HULST, 1995: 15)

<sup>57</sup> N.A. Na realidade, este trabalho é retomado da conferência proferida por Delisle durante a aula inaugural do Instituto Universitário de Tradutores e Intérpretes de Bruxelas, no dia 26 de setembro de 1995 do ano letivo 1995-1996.

<sup>58</sup> N. A. Lépinette reproduz parcialmente seus modelos na “Presentación” da obra coletiva intitulada *Historia de la traducción* (2003: 12-18), organizada por Brigitte Lépinette e Antônio Melero. Ali, a autora considera estranha que “a bibliografia dos últimos anos mostra que a historiografia tradutológica como tal tem suscitado escassas reflexões metodológicas” [*la bibliografía de los últimos años muestra que la historiografía traductológica en cuanto que tal ha suscitado reflexiones metodológicas em número harto reducido*] (2003: 11).

<sup>59</sup> “[...] *presentar adecuadamente, siguiendo un orden cronológico, la situación de la traducción en España en distintos períodos históricos, combinando las referencias a la actividad traductora con las necesarias alusiones a las poéticas vigentes o generalmente aceptadas en cada período.*” (LAFARGA, 2004: 1140).

<sup>60</sup> “*En efecto, ¿puede hablarse de literatura española en la Edad Media, en una época en la que ni siquiera existía la idea de “España”? Y cuando se usa el término “nacional”, ¿a qué nación o nacionalidad nos estamos refiriendo? Un traductor, o un escritor de Barcelona, que traduce o escribe en castellano, ¿a qué ámbito cultural o a qué literatura pertenece? Y aunque se rehucieran las fronteras literarias sin tener en cuenta las divisiones geopolíticas, en algunos casos tales fronteras deberían describir tales meandros que el mapa resultaría ininteligible.*” (LAFARGA, 2005: 1141)

<sup>61</sup> “[...] *diversidad de las traducciones literarias, con eventuales alusiones a traducciones de textos no literarios, agentes de la traducción (traductores, mecenas o impulsores de la traducción, mundo editorial, etc.) relación entre traducciones y pensamiento traductor, recepción de la literatura traducida, relación entre literatura traducida o importada y literatura autóctona.*” (LAFARGA, 2005: 1142)

<sup>62</sup> N.A. Ver como exemplo o projeto HISTAL, coordenado pelo professor Georges Bastin, da Universidade de Montreal: [www.histal.umontreal.ca](http://www.histal.umontreal.ca)

<sup>63</sup> N. A. As mais conhecidas são as apresentadas por Steiner (1975), Nida (1976), Santoyo (1987), Berman (1989) e Hurtado Albir (2001).